



Jovem de 19 anos virou o jogador mais pedido pela torcida, mas desperdiçou oportunidade decisiva e tem influência nos gols da Noruega. Artilheiro do Brentford começou como titular, mas foi escanteado

Caminhos opostos dos brasileiros

VICTOR PARRINI
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — Brasília voltou a ter representantes na Copa do Mundo depois de 16 anos. A capital não colocava jogadores no torneio desde Lúcio e Kaká, na África do Sul, em 2010. A convocação, em 28 de maio, foi o auge. Dali para frente, foi só para trás. Endrick recebeu a oportunidade de mais aguardada da carreira na eliminação para a Noruega. Igor Thiago, o primeiro titular de Carlo Ancelotti, sequer saiu do banco na despedida da pior campanha em 36 anos. Menino dos olhos de Ancelotti desde os tempos de Real Madrid, Endrick ganhou oportunidade nos testes de março, contra França e Croácia. Respondeu em campo e reforçou a imagem de talismã construída na passagem de Dorival Júnior. Não demorou a virar xodó.

Terceiro jogador da Seleção com mais seguidores nas redes sociais, atrás de Neymar e Vinicius Junior, o brasileiro de 19 anos virou o nome mais pedido pelo público. Os gritos pela entrada dele ecoaram até em partidas nas quais Vini era o grande destaque, como na vitória sobre a Escócia, quando marcou dois gols.

Endrick participou de quatro das cinco partidas na Copa. A única ausência foi na estreia contra o Marrocos, decisão que abriu uma discussão sobre a relação entre o atacante e Ancelotti. Ambos sempre negaram qualquer desgaste. Diante da Noruega, o brasileiro recebeu a maior oportunidade da carreira na Seleção. Atuou por 32 minutos, a segunda maior minutagem dele no torneio.

No primeiro lance, desperdiçou chance clara ao dar um toque a mais na bola antes da finalização. O erro pesou porque o placar ainda estava zerado, mas esteve longe de resumir a atuação. Escalado aberto pela direita, Endrick recebeu uma função pouco habitual: recompor o corredor defensivo e dar proteção a Danilo, tarefa antes executada por Rayan.

Nelson Terme/CBF



Atacantes recolocaram o Distrito Federal na Copa do Mundo depois de 16 anos, mas não brilharam no torneio

A mudança teve impacto no funcionamento da equipe. Com Endrick pela direita, Neymar como falso 9 e Vini Jr do lado oposto, o Brasil passou a defender com três peças sem vocação para a recomposição. Casemiro e Bruno Guimarães, desgastados fisicamente, perderam apoio.

A Noruega percebeu, concentrou as ações ofensivas na direita e encontrou em Schjelderup o principal desafogo. O ponta fez o cruzamento deu dois passes para Haaland marcar. Jogadas que expuseram um corredor até então protegido por Rayan.

Principal rosto da renovação, Endrick carrega o peso de uma geração

que ainda não conseguiu transformar talento em resultados. O brasileiro esteve na campanha que deixou o Brasil fora dos Jogos Olímpicos de Paris-2024. A Seleção Sub-20 caiu na primeira fase do Mundial. A eliminação nas oitavas acrescenta mais um capítulo a um ciclo que segue devendo grandes campanhas.

Se Endrick terminou carregando o peso da oportunidade, Igor Thiago viveu frustração oposta. O atacante sequer teve a chance de influenciar no desfecho. Primeiro centroavante escolhido por Ancelotti, iniciou como referência do ataque, mas perdeu espaço e viu do banco a eliminação.

A perda de prestígio surpreende. Igor chegou respaldado pela temporada no Brentford, com 27 gols em 45 jogos. Recebeu o voto de confiança de Ancelotti contra Marrocos e desperdiçou a chance de ocupar a posição em uma atuação coletiva ruim. Não recuperou o espaço e Matheus Cunha assumiu a vaga.

A Copa terminou cedo, mas não fechou o ciclo. Endrick, aos 19 anos, continuará sendo tratado como uma das apostas da renovação. Igor Thiago, aos 25, tem uma missão diferente: convencer Ancelotti de que a temporada goleadora foi apenas o início de uma trajetória em alto nível.

Pedro Ugarte/AFP



8. Curto prazo

O italiano organizou a equipe, devolveu competitividade e criou um ambiente mais estável, mas chegou a poucos meses da Copa.

Números

Endrick na Copa

4 jogos
111 minutos
3 finalizações
0 gol marcado
6,42 Nota média

Igor Thiago na Copa

1 jogo
62 minutos
2 finalizações
0 gol marcado
6,2 Nota média

10 MOTIVOS DO FRACASSO

1. Tempo jogado fora

Sob a administração de Ednaldo Rodrigues, CBF apostou todas as fichas no italiano desde 2023, manteve um planejamento provisório e desperdiçou tempo precioso. O projeto começou para valer apenas um ano antes da Copa.

2. Bagunça

Ramon Menezes, Fernando Diniz, Dorival Júnior e, por fim, Carlo Ancelotti. Cada um deixou uma identidade diferente. A Seleção passou boa parte do ciclo reaprendendo a jogar.

3. Eliminatória pífia

O Brasil terminou apenas em quinto lugar, sofreu derrotas inéditas e chegou ao Mundial sem a autoridade que sempre caracterizou a Seleção.

Juan Mabromata/AFP



4. Derrotas traumáticas

A sequência negativa de 2023 e a goleada por 4 x 1 para a Argentina em Buenos Aires expuseram fragilidades técnicas e emocionais que acompanharam a equipe até a Copa.

5. Instabilidade política

Mudanças de comando, disputas judiciais e indefinições administrativas contaminaram o ambiente político durante praticamente todo o ciclo.

6. Samba de uma nota só

Em muitos momentos, o plano ofensivo resumiu-se à inspiração de Vinicius Junior, lampejos de Bruno Guimarães e bons momentos de Matheus Cunha. Faltou um mecanismo coletivo consistente.

7. Sem defesa

A Seleção sofreu muitos gols nas Eliminatórias e passou boa parte do ciclo tentando corrigir o sistema defensivo. Ancelotti evoluiu o setor, mas assumiu tarde demais para consolidar o trabalho.

Não houve tempo suficiente para desenvolver todas as ideias de jogo.

9. Lesões e veteranos

Contusões de jogadores importantes como Estêvão, Rodrygo e Wesley antes da Copa; e de Lucas Paquetá e Raphinha durante a competição, além da ausência de Neymar desde 2023 e mudanças frequentes nas convocações impediram a formação de uma espinha dorsal sólida. Carlo Ancelotti morreu abraçado com velhas lideranças: Alisson, Danilo, Marquinhos, Casemiro, Alex Sandro e Neymar.

10. Freguesia

Desde 2002, o Brasil convive com dificuldades diante de seleções europeias em jogos eliminatórios. O peso desse retrospecto tornou-se um componente psicológico

Charly Triballeau/AFP



recorrente sempre que a equipe enfrentou um adversário do continente: França (2006), Holanda (2010), Holanda (2014), Bélgica (2018), Croácia (2022) e Noruega (2026).

Mauro Pimentel/AFP



Atacante teve apenas quatro oportunidades na partida: marcou dois gols

NORUEGA



Haaland atribui faro de gol a "dom de Deus"

O atacante Erling Haaland, autor dos dois gols da Noruega na vitória por 2 x 1 sobre o Brasil nas oitavas de final da Copa do Mundo, resumiu a capacidade e a competência de converter as poucas chances que recebe durante uma partida como um "dom de Deus".

Algoz da Seleção Brasileira, o artilheiro norueguês precisou de apenas quatro bolas, duas em condições mais limpas, para virar o mais novo algoz do país em Copas do Mundo. "Se eu tiver uma ou duas chances, geralmente elas acabam em gol. Não sei como faço isso, mas é assim que funciona. O segredo é manter o foco. Digo a mim mesmo que a chance vai aparecer", explicou Haaland.

O camisa 9 norueguês, artilheiro da Copa do Mundo ao lado de Kylian Mbappé e Lionel Messi, com sete gols — seis deles com apenas um toque —, admitiu que está começando a encarar a extraordinária eficiência diante do gol como um dom divino. "Acho que estou começando a perceber que é um presente de Deus a bola entrar perfeitamente, bem rente à trave. É incrível", afirmou.

Haaland foi o jogador norueguês que menos correu no MetLife Stadium. Durante os 90 minutos das oitavas de final, foram apenas 45 toques na bola, muitos deles em jogadas sem grande efeito. O atacante também destacou a resiliência da

Noruega para conseguir impor domínio diante dos brasileiros. "Continuamos avançando", resumiu.

Mesmo com o papel de algoz, Haaland fez afagos ao destacar a necessidade norueguesa de "copiar" a paixão brasileira pela Seleção. "Espero que todos os jovens que assistirem a esta entrevista, quando forem um pouco mais velhos, sintam que jogar pela Noruega é o que lhes dará o maior orgulho em toda a sua vida. É absolutamente incrível", declarou.

Haaland descreveu a vitória sobre o Brasil como "a melhor partida da história da Noruega" e um momento que pode ser um divisor de águas para o futebol do país.

O outro herói

Ao lado de Haaland, o outro herói da Noruega foi o goleiro Orjan Nyland, que defendeu um pênalti cobrado por Bruno Guimarães quando o placar estava empatado em 0x0. O jogador de 35 anos também destacou a importância do triunfo diante da única seleção pentacampeã mundial para a história do futebol no país. "Fizemos um pouco de história".

"Obviamente, quando você consegue defender um pênalti logo no início, fica muito difícil vencer você. Foi um grande momento para mim, mas também para a equipe, para nós dar um pouco de tranquilidade", acrescentou.